

Palavras-chave: Cidade-paisagem; Centralidade; Largo Cívico; Organicidade; Arquitectura Vernácula; Adro da Igreja

Key words: City-landscape; Centrality; Civic place; Organicity; Vernacular architecture; ChurchYard

ABSTRACT

This article presents the urban and architectural features of the city of Angra within the wider context of the Portuguese-influenced cities in the various Transatlantic areas. It lists the cities in continental Portugal most identified as "Cities of landscape", a concept tentatively underscored and used to analyze coastal and inland cities. Cities related to this concept in the Atlantic archipelagos, Africa, Asia and Brazil are succinctly characterized. Finally, the urban and architectural features of Angra also found in the aforementioned cities are also listed, thus characterizing this type of city

RESUMO

Procura-se fazer a integração da cidade de Angra do Heroísmo, com as suas características urbano-arquitectónicas, no conjunto mais amplo das cidades de expressão ou influencia portuguesa nas diversas áreas transatlânticas. Enumeram-se as urbes de Portugal Continental com maior valor e dimensão como "Cidades de Paisagem", conceito que se pretende realçar e tornar operativo, nas cidades litorais, fluviais e interiores. Referem-se, procurando uma caracterização sucinta, várias das urbes com destacado valor, dentro daquele conceito, ao longo dos vários espaços geográficos: Ilhas, África, Ásia e Brasil. Termina-se com o apontamento das diversas características urbano-arquitectónicas de Angra do Heroísmo que se revelam também das cidades atrás listadas, procurando uma idiosincrasia deste modelo de cidade.

ANGRA DO HEROÍSMO NO QUADRO DAS “CIDADES DE PAISAGEM” PORTUGUESAS MEDIEVO-RENASCENTISTAS

José Manuel Fernandes*

1. Introdução

Portugal, pequena nação peninsular do sudoeste europeu, criada e sobretudo firmada a partir da Baixa Idade Média, desenvolveu no seu território de *finisterra* uma ocupação do espaço colectivo construído com características originais, quer no desenho ou traçado das vilas e cidades que foram erigidas, quer nas obras arquitectónicas que preencheram esses espaços urbanos e ainda outras áreas de carácter rural.

Podemos falar do urbanismo luso e da arquitectura portuguesa, desde os séculos XII-XIII, como inseridos na dominante tradição e influência do ocidente europeu, caldeados pela complementar tradição oriental. Efectivamente, o processo histórico de urbanização do território luso apresenta uma riqueza e diversidade de influências assinalável: sobre uma base castreja provinda da pré-história, surgiram as litorâneas culturas Grega e Fenícia, depois apropriadas e transformadas por uma duradoura e estruturante Romanização, seguida esta pela presença germânica Suevo-Visigótica, e sequentemente pela longa permanência do Islão (este sobretudo a sul do Mondego e Tejo).

Todo este processo foi determinante – aquando do retomar cristão – na definição de um *espírito de lugar*, na escolha dos sítios e sua sedimentação urbana, no entendimento de uma relação com a paisagem e a sua geografia, até mesmo de uma determinada escala de edificação arquitectónica e de um modo de construção dos espaços e da opção por determinadas formas, materiais e cores.

Com o avançar dos séculos, e o sedimentar desta prática, pôde firmar-se em Portugal uma cultura urbana e arquitectónica sólida, base para o valor do vasto conjunto existente actualmente, do nosso Património Construído, nas

* Arquitecto. Professor Agregado em História da Arquitectura e do Urbanismo na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Portugal

nossas cidades, espaços urbanos, vilas e aldeias e no território rural. Os exemplos qualificados atravessam os tempos do Românico e do Gótico, do Manuelino, do Renascimento e do Barroco, do *Chão* e do Pombalino, do Romantismo, da Arquitectura do Ferro e do Moderno.

Sem querer abarcar e referir todos os casos de valor e qualidade histórica/urbana, sedimentados no território português ibérico, podemos referir os exemplos concretos de cidades e de alguns espaços arquitectónicos notáveis nelas integrados, com alguns deles realçados pela classificação da UNESCO como Património da Humanidade – pois tal é o caso de Angra do Heroísmo:

- cidades litorais: Lisboa, com destaque para ao seu bairro islâmico (Alfama), medievo-renascentista (Bairro Alto) e Clássico-Barroco (a Baixa Pombalina), bem como para o seu núcleo edificado quinhentista do Jerónimos e Torre de Belém (class. pela UNESCO); Porto, com todo o conjunto do seu centro medieval e barroco, da Ribeira aos Clérigos, na relação com a complementar Margem Sul (class. pela UNESCO) – numa matiz dual bem característica das urbes portuguesas costeiras; Viana do Castelo, luminosa na sua relação aberta e vasta com a barra e a longa costa dupla; Faro, com a sua Vila-a-Dentro, muralhada, bem expressiva do pendor islâmico-medieval do seu tecido urbano;
- cidades fluviais: Coimbra, com um claro diálogo estabelecido entre a Baixinha e a colina da Universidade, num partido também muito característico da urbe lusa, frequentemente organizada entre a Baixa e a Alta; Santarém, tirando partido paisagístico do poderoso esporão sobre o Tejo, altaneira e orgulhosa do seu conjunto monumental gótico;
- cidades interiores: Guimarães, de consistente e denso tecido urbano medieval, alternando e articulando com eficácia registos monumentais e vernáculos, medievos e barrocos (class. pela UNESCO); Braga, com um traçado onde ainda se pressente a herança geométrica romana, valorizando praças, largos e ruas; e Évora, igualmente realçando traçados, espaços, monumentos e casas (embora num modo meridional de luz e cor oposto aos das duas urbes minhotas).

2. O conceito de “Cidade de Paisagem” no mundo lusófono urbano e arquitectónico

Portugal e o Património Lusófono – um breve percurso geo-histórico por cidades, sítios e arquitecturas de influência ou expressão lusa no Mundo

A partir do percurso colonial, iniciado com a Expansão Marítima e Transatlântica portuguesa do século XV, a nossa cultura construída, arquitectónica e urbana, esta “arte de fazer cidades e casas” – sedimentada na fase fulcral da transição Medievo-Renascentista – foi transportada para muitos e diferentes lugares.

Dadas as características geo-estratégicas e o fundo cultural da organização do nosso espaço da Expansão Marítima, foi naturalmente sobrelevado o tema das urbes litorais, e a sua capacidade para articular a geografia local: a baía abrigada e portuária; a definição dos tecidos urbanos inter-activos, com a Alta residencial e a Baixa comercial-marítima; a estrutura de origem medieva, modernizada mas não abandonada, do sistema de “Rua Directa” articulando largos e praças; a matriz essencialmente orgânica da fábrica urbana e sua evolução.

São estas determinantes que podem ajudar a melhor definir, espacial, formal e funcionalmente, a dita “Cidade de Paisagem”, sequencialmente ensaiada e consolidada por ilhas, mares e continentes.

Destaquemos algumas dessas cidades de matriz portuguesa, com as suas arquitecturas principais – sem preocupação exaustiva, mas procurando antes exemplificar com os mais interessantes casos, desenvolvidos entre os séculos XV e XX – e verifiquemos as continuidades de tipologias urbanas e arquitecturais, de formas e situações de espaço colectivo, nas diversas situações edificadas, que permitem estabelecer uma visão culturalmente coerente, de conjunto, sobre esta vasta produção, da Europa ao Extremo Oriente.

Angra do Heroísmo (class. pela UNESCO), nos Açores, merece destaque pela sua ampla dimensão urbana e paisagística, bem como pelas arquitecturas monumentais: pelo interessante Palácio dos capitães-generais (que aproveitou a mole do antigo colégio e igreja jesuíta), pela sua elegante Sé Catedral, pela Praça Velha e Câmara, e sobretudo pelo monumental conjunto de fortificações, com destaque para a de São João Baptista, mas sem esquecer a mais humilde de São Sebastião.

Organizada à volta de pequena baía (angra), a cidade soube, a partir de um núcleo inicial de povoamento de carácter defensivo (junto ao Castelo), expandir-se de modo organizado e racional ao longo das encostas a Sul,



1



2



3

O conceito das "Cidades de Paisagem", organizando os seus tecidos urbanos com ampla dimensão estética, de forma orgânica, sobre relevos acidentados, e/ou frente ao mar. 1 - Angra do Heroísmo, 2 - Lisboa, 3 - Ouro Preto/Minas Gerais.

© Fotografias do autor

fabricando um tecido regular e de belo efeito ordenador de todo o espaço. A sua “rua directa” (que não a rua de Lisboa, hoje dita Direita), sensivelmente paralela à costa, organiza todo o conjunto urbano, num eixo que vai desde a entrada por São Bento (a nascente), desce por São Francisco à Praça Velha municipal (donde se pode aceder ao porto e à Misericórdia), e sobe de seguida a suave encosta para poente, recebendo a Sé Catedral, e culminando no Alto das Covas, para São Pedro, com sua sucessão de conventos e lugares sagrados. É pois cidade exemplar deste conceito de “cidade de paisagem” que se referiu.

Na ilha de São Miguel, também nos Açores, não devem esquecer-se as portentosas fachadas das igrejas jesuítas, quer em Ponta Delgada (onde a matriz inclui trabalhos em gosto manuelino tardio), quer na Ribeira Grande, na costa norte da ilha – esta talvez o exemplo mais criativo e original do chamado “barroco açórico”, em contrastantes tons de basalto negro e cal branca.

No Funchal, primeira cidade atlântica, edificada ao longo de uma singela baía, podemos destacar o conjunto da Alfandega, da Sé Catedral e da Fortaleza vizinha.

Mazagão (class. pela UNESCO), cidadela fortificada em Marrocos, deve referir-se tanto pelo seu elegante e coeso sistema abaluartado, como pela eficácia simples da praça central, e pela sua sólida cisterna quinhentista. É talvez o melhor exemplo (e mais duradouro, até ao século XVIII) dentre as várias praças lusas fortificadas nesta área, desde Ceuta e Tanger a Arliza e Alcácer-Ceguer.

Em Cabo Verde, são as ruínas da Sé Catedral que se impõem, encimadas pelas do Forte de São Filipe, na Cidade Velha da ilha de Santiago – para além da cidade da Praia, na mesma ilha, que representa já uma criação urbana nova a partir de Setecentos.

Na área africana, e até à extensa costa do Golfo da Guiné, podem destacar-se a delicada povoação de Cacheu (na actual Guiné-Bissau), ou Bissau, nascida à roda do forte de S. José de Amura.

O arquipélago de São Tomé e Príncipe apresenta dois povoados de pequena escala mas graciosa presença paisagística: precisamente os núcleos de São Tomé / Ana Chaves e de S. António do Príncipe, nas respectivas ilhas.

Já em Angola devem assinalar-se dois principais conjuntos urbanos: o de Luanda (infelizmente hoje muito destruído na sua área central), com a fortaleza de S. Filipe e alguns solares urbanos seis e setecentistas (3 “sobrados” da antiga praça do Infante D. Henrique, e o Palácio de D. Ana Joaquina, da transição dos séculos XVIII-XIX, criminosamente demolido há pouco); e o de Benguela, este

iniciado já no século XVII – além das preciosas ruínas de S. Salvador do Congo, ou M'banza Congo, de origem quatrocentista. Destaquem-se igualmente as cidades angolanas de fundação e desenvolvimento oitocentista (Moçâmedes/Namibe, Sá da Bandeira/Lubango, de matriz geométrica), e mesmo as de Novecentos, costeiras ou interiores, como o Lobito e Nova Lisboa/Huambo.

Em Moçambique o destaque deverá ir naturalmente para a pequena jóia que constitui a Ilha de Moçambique (class. pela UNESCO), com a poderosa fortificação de S. Sebastião, o palácio do governo, as igrejas e o conjunto residencial, hoje muito arruinado – sem esquecer porém as pequenas preciosidades que constituem a ilha do Ibo e os núcleos de Cabaceira Grande e Cabaceira Pequena – e a desaparecida fortaleza, ainda com traça mediavalizante, de Sofala, já na área do Zambeze. Também aqui devem mencionar-se algumas urbes crescidas já nos séculos XIX e XX, com matriz geométrica, como a esplêndida Lourenço Marques/Maputo, Quelimane e Beira – e outras, interiores, como Nampula, Vila Pery/Chimoio e Vila Cabral/Lichinga

No longo espaço geográfico do Índico, a norte de Moçambique e a poente da península indostânica, podem mencionar-se a cidadela-fortaleza de Mombaça (Quénia), ou os diversos fortes arábicos (como Mascate, ou Soar, em Omão) e o de Ormuz, no Golfo Pérsico (Irão).

É na Índia que muitas e notáveis edificações e núcleos urbanos deste período histórico devem ser mencionados. Percorramos a costa ocidental, de norte a sul. De Diu, em ilha costeira do Guzarate, é a famosa fortificação que sobressai, mas também a igreja de S. Paulo, do antigo colégio jesuíta, de frontaria requintadamente maneirista em tons polícromos.

Damão merece referência sobretudo pelo traçado rigorosa e excepcionalmente geométrico da sua malha urbana (Damão-Praça), envolvida por muralhas abaluartadas – mas também pelo singelo e equilibrado largo da Mãe de Deus, com a pequena igreja homómina e a antiga igreja jesuíta, deitando para o jardim central, ao lado do edifício municipal.

De Baçaim (actual Vasai), alguns quilómetros a norte de Bombaim, é igualmente a extensa ruína das muralhas e suas portas (de Terra e do Mar) que se destaca, conjuntamente com a cidadela central e a praça anexa, e a sequência das ruínas religiosas: as igrejas de S. Domingos, a de S. Francisco, a do colégio jesuíta (de grandiosa fachada), a matriz de S. José (com a original torre centrada sobre o portal de acesso).



4



5



6

Presença arquitectónica forte das Igrejas e Conventos, com as suas torres, na frente urbana ou no coração das praças e largos centrais. 4 - Angra do Heroísmo/igreja da Misericórdia virada à baía, 5 - Olinda/Pernambuco e 6 - Tomar. © Fotografias do autor



7



8



9

Significado e centralidade das praças e largos cívicos (com os edifícios das câmaras, a antiga “Casa de Câmara e Cadeia”) e religiosos (com as matrizes e Sés).
7 - Angra do Heroísmo/Praça Velha, 8 - Macau largo do Leal Senado,
9 - Mindelo/Cabo Verde/largo da igreja. © Fotografias do autor

A sul de Bombaim, outra antiga povoação fortificada – Chaul, hoje Revdanda – exhibe não só muralhas, portas e ruínas de igrejas (nomeadamente a de S. Francisco, com a torre fortificada junto à muralha), mas também a longa e estreita estrutura muralhada do Morro, que inclui capelas e fortificações, acompanhando a linha de cumeeada da elevação fronteira à cidadela, e guardando conjuntamente a barra.

Goa constitui um pequeno mas densamente edificado território costeiro (com a área aproximada da península de Setúbal), a meio caminho entre norte e sul da Índia – e por isso desempenhou papel de lugar central (e centralizador) no luso “Estado da Índia”. Das suas cidades há que destacar a antiga capital, Velha Goa (class. pela UNESCO), que ainda exhibe um conjunto notável de igrejas e espaços de apoio, dentro do gosto clássico-maneirista que foi gradualmente indianizando em termos estilísticos – com destaque para a Sé Catedral (o maior edifício religioso jamais construído por portugueses), para a igreja Jesuíta do Bom Jesus (com as relíquias de S. Francisco Xavier), para a de N.S da Graça, dos Agostinhos (hoje só ruína), e para a mais tardia de S. Caetano, (só completada na 2a. metade de seiscentos), esta última com um raro zimbório, que depois influenciou as igrejinhas regionais de “falsa cúpula” do território,

Nos territórios a sul de Velha Goa (Salcete), o destaque deve ir para a cidadezinha de Margão, notável pelo conjunto de residências de gosto indo-português, nomeadamente a chamada “Casa do Juíz” (ou dos 7 telhados, setecentista) e as habitações que envolvem o vasto mas gracioso largo/terreiro centrado pela igreja jesuíta.

No caminho para o Extremo Oriente há que mencionar obras e cidades mais isoladas: em Galle (class. pela UNESCO), na costa do Sri Lanka, com sólidos vestígios da cidadela portuguesa; na Tailândia, as ruínas de Ayutthaya (class. pela UNESCO); a cidadela de Malaca (na Malásia, de que sobrevivem ruínas do forte e da igreja), e os espaços edificados de Timor; nomeadamente Dili (desenvolvidos sobretudo depois do século XVIII).

Macau (class. pela UNESCO), cidadela no sul da China, perto de Cantão, constitui evidentemente um espaço original, pela permanência na esfera lusa até ao final do século XX – o que não sucedeu com nenhuma outra possessão ultramarina portuguesa. Devem destacar-se as estruturas edificadas que se algum modo se implantam ao longo do eixo principal histórico (a típica rua Direita com seus largos), entre as duas baías que conformam a urbe: de nascente para poente, a igreja de S. António, a monumental ruína-museu de S. Paulo (*ex-libris*

da cidade), S. Francisco, a Sé, o central largo do Leal Senado (com a sede cívica, a Misericórdia e S.Domingos), S.Agostinho, o Colégio Jesuíta e S.Lourenço. Das fortalezas podem destacar-se a do Monte, imponente e cêntrica, e a da Guia, escultural e altaneira.

Para finalizar esta viagem pelo Extremo Oriente, deve mencionar-se a cidade de Nagasaki, na ponta ocidental do insular Japão – uma feitoria comercialmente iniciada pelos portugueses, e de que subsiste a característica implantação paisagística (sobre uma baía, entre ilhas, montes e vales), além da ilha artificial de Deshima, no antigo centro da urbe, edificada já no século XVII.

Voltando ao Atlântico, foi na terra sul-americana que se implantaram notáveis cidades, vilas e edifícios de origem luso-brasileira, sobretudo a partir da segunda metade do século XVII, quando o Brasil se tornou o centro da Expansão, em detrimento da Índia.

De norte para sul, do Equador para o Trópico, podemos destacar aqui certas povoações e suas arquitecturas, cujas características uma vez mais nos remetem para os padrões urbanizadores e edificadores do Portugal ibérico.

Às portas do Amazonas, implanta-se Belém do Pará, com a sua fortaleza costeira, e o interessante espaço-praça da igreja jesuíta, setecentista; ali trabalhou, já desde a segunda metade do século XVIII, o arquitecto bolonhês José Landi, que soube imprimir à cidade uma monumentalidade clássico-barroca muito bem inserida na tradição portuguesa da construção ultramarina (Palácio dos Governadores, igreja de Santana em Campina, igrejas do Carmo e das Mercês).

No Maranhão é a cidade de São Luís (class. pela UNESCO) que deve mencionar-se, sobretudo pela sua notável malha urbana em retícula, como que executada a régua e esquadro sobre colinas e vales – isto para além de um recheio de arquitectura habitacional em prédios, que seguindo formulário pom-balino, o enriquece com profuso revestimento azulejar (caso da rua de Lisboa), dos séculos XVIII e XIX.

No nordestino Pernambuco destaca-se a dupla marca urbana de Olinda-Recife. As ruínas de Olinda (class. pela UNESCO) representam a primeira implantação edificada, conseqüente, em terra do Brasil, constituindo hoje um conjunto precioso; no seu relevo castiço e acidentado, profusamente arborizado, podemos destacar a jesuíta igreja da Graça, a Matriz, ou o conjunto conventual de São Francisco. Olinda fica contígua ao Recife, cuja área central histórica exhibe igualmente notáveis monumentos, num espaço urbano orgâni-

camente “aportuguesado” a partir da original implantação urbana holandesa planeada de modo erudito e clássico por Maurício de Nassau. Brilhando na sua construção de desenho barroco e hiper-decorativo, refira-se exemplarmente a igreja de Santo António, com a luminosa Capela Dourada.

São Salvador da Bahia (class. pela UNESCO) foi a grande capital do Brasil do açúcar, sucessora da “Goa Dourada”. Notável no seu conjunto urbano, executado com objectivos centralizadores e administrativos, não deixa de respeitar o modelo de cidade de paisagem, feita de colinas e vales, de “alta” residencial e de “baixa” portuária-comercial, característica da urbe lusa da Expansão.

Merecem destaque, entre outros espaços e obras, nesta “cidade das mil igrejas”: o largo da Câmara primeva e do Palácio do Governo; o “Terreiro da Sé”, exibindo a grandiosa igreja Jesuíta (actual Sé) – com as igrejas franciscana e da Ordem Terceira ao fundo; e o famoso largo do Pelourinho, na extremo da área central histórica.

São Sebastião do Rio de Janeiro, segunda capital do Brasil, foi muito desfigurada na sua arquitectura antiga com as modernizações viárias do início do século XX, que debastaram inclusive o próprio “monte genético” da cidade, o Castelo; porém, ainda hoje podemos visitar obras como o Palácio do Governador; fronteiro à praça central, com a baía e o antigo cais, a igreja de S. Bento, de boa “arquitectura Chã”, no extremo oposto do “Centrão”, o vasto largo encimado pela mole conventual franciscana (com o castiço Aqueduto da Carioca ao fundo), e a graciosa igreja de N.S. da Glória do Outeiro, já eivada do gosto barroco na sua planta centrada e poligonal. Pela relação e interpenetração com a paisagem luxuriante, o Rio, dizem alguns, é a cidade mais bela do mundo.

Vila Rica de Ouro Preto (class. pela UNESCO), em Minas Gerais, é a capital do ouro setecentista, nascida e crescida de modo quase espontâneo e selvagem pela iniciativa dos mineradores luso-brasileiros. Muitas obras arquitectónicas haveria a destacar nesta cidade de “sobe e desce”, feita de ladeiras e morros. Limitemo-nos a mencionar a praça de Tiradentes (com a Câmara neo-clássica, e a Fortaleza, fronteiras uma à outra), e as igrejas concebidas pelo genial António Francisco Lisboa, o “Aleijadinho”, como a igreja de S. Francisco. Ouro Preto vale também pelo seu conjunto de casario, recordando as ruas das vilas do norte português, com amplos e espectaculares pisos de avarandados e cornija, construídos integralmente em madeira, mas imitando o desenho em pedra dos exemplos minhotos... Também no interior brasileiro, refiramos ainda

as cidades de Goiás e de Diamantina, bem como os vestígios das Missões Jesuítas (três conjuntos class. pela UNESCO)

Outras cidades e arquitecturas do sul brasileiro poderiam aqui ser enumeradas. Sintetizando, refiramos ainda a hoje gigantesca São Paulo, com o o largo da igreja primeva, beneditina, ainda existente no centro; a área de Santa Catarina (capital Desterro, actual Florianópolis), colonizada já no século XVIII com forte componente de povoadores açóricos; as extremo-meridionais urbes de Porto Alegre e do Rio Grande (do Sul); e, finalmente, a isolada cidadela fortificada de Colónia de Sacramento (class. pela UNESCO), fundada em finais de Seiscentos, desafiadoramente, frente a Buenos Aires – e depois forçadamente abandonada (hoje no Uruguai).

3. Algumas características urbanas e arquitectónicas de Angra do Heroísmo, patentes ou com analogias em muitos casos urbanos transatlânticos de matriz portuguesa.

**Traçado e tecido orgânico, herança integrada de romanização, islamização e medievalização.
Alguns elementos constituintes do sistema urbano.**

Procuraremos nesta breve abordagem atentar não nos temas estritamente históricos e genéticos, na relação de Angra do Heroísmo com outras cidades, mas nos aspectos da geo-morfologia e da paisagem urbana, que, comparando-a com algumas das diversas urbes citadas, permitirão de um modo mais livre o estabelecimento de analogias, de similitudes, de parecenças, – sejam visuais, de silhueta, ou de forma urbana e arquitectónica.

A forma global da urbe de Angra do Heroísmo, patente como um “tecido orgânico” (no sentido de um plano geral de geometria “mole”), é genericamente reconhecível em outras cidades lusófonas além-atlântico: trata-se de uma estrutura mais “regular” do que “circular”, radicada no modelo genérico europeu coevo, ou seja, em que os valores medievos se sopesavam com alguma modernização renascentista – e amplamente aberta sobre uma linha costeira de enseada, urbanizada e portuária. Tal sucede por exemplo com as urbes de Macau, de Luanda, de Salvador, ou de Goa – mas em nenhuma delas atingindo a racionalidade geométrica de Angra, embora, como sempre insistimos – adaptada e sabiamente desenhada com a geomorfologia local, e não “contra” ela.



10



11



12

Protagonismo do adro da igreja da Sé ou da Matriz, com o seu largo, escadório ou praça
fronteira, no contexto urbano. 10 - Angra do Heroísmo/largo da Sé, 11 - São Luís do
Maranhão, 12 - Ribeira Grande dos Açores.. © Fotografias do autor



13



14



15

Monumentalidade e centralidade dos Colégios Jesuítas e suas fachadas de igrejas, na malha urbana das cidades principais. 13 - Angra do Heroísmo/Fachada da igreja do Colégio, 14 - Salvador da Bahia, antiga igreja do Colégio, 15 - Igreja Jesuíta de Velha Goa. © Fotografias do autor



16



17



18

Organicidade funcional dos espaços públicos elementares das cidades e vilas, desde as ruas, aos terreiros e largos, em conjugação com uma arquitectura vernácula com valor de conjunto, que simplifica e integra o desenho e a tradição eruditas.

16 - Angra do Heroísmo/antiga rua Direita-de Lisboa, 17 - Terreiro de Alcântara/São Luís do Maranhão, 18 - Largo na Povoação-Ilha de Moçambique. © Fotografias do autor

Os largos e as praças mais centrais, bem como as ruas directas que as ligam, estruturantes e aglutinadoras do conjunto urbano, são igualmente patentes em Angra do Heroísmo: a mais central, a Praça Velha, genética do tecido regular envolvente, com a sua Casa de Câmara, liga-se da forma mais clara com a praça da Sé Catedral e com a do Colégio (depois Palácio dos Capitães Gerais). Este conjunto de praças cêntricas, articuladas por ruas estruturadoras, que levam necessariamente aos limites urbanos (as “portas” de passagem ao exterior) são igualmente visíveis em cidades como Salvador da Bahia (na sua sequência da praça do Governo e Município/prança da Sé/prança do Colégio/Pelourinho), ou como Baçaim (eixo Portas do Mar/Matriz/Praça da Cidada/Colégio / Franciscanos/Portas de Terra).

A graciosidade da pequena escala, organizada entre os sucessivos e concatenados largos, larguinhos e ruelas – numa delicada síntese de características medievo-modernas, é um tema sistemático da área mais central de Angra, sobretudo no tecido envolvente da malha regular, com características e desenho mais “livres” – e, dada a localização desta urbe, esses pequenos espaços estão por vezes em relação espectacular e alcandorada com a súbita paisagem atlântica. Muito deste “pequeno universo”, feito de espaços públicos e edificações com volumetria variada e irregular, imbrincados entre si, está patente analogamente nas áreas mais centrais e antigas do Funchal (Santa Maria, núcleo da rua Direita, área da antiga Alfândega), no padrão geral do tecido urbano da praça de Mazagão, ao correr da rua Direita de Macau (área do Teatro D. Pedro V), nos sectores mais densos da “Cidade Branca” da Ilha de Moçambique e até mesmo – tanto quanto podemos reconstituir pelas representações cartográficas mais antigas – no tecido quinhentista da praça de Diu, entretanto muito arruinada.

O equilíbrio invulgar do castiçismo, em termos do urbanismo e da arquitectura, é feito entre em Angra do Heroísmo por meio de uma conjugação entre os vários tipos de monumentos (religiosos, civis, militares) e a envolvente da arquitectura popular ou vernácula. Este é em geral um aspecto muito corrente e caracterizador da urbe de influência portuguesa, em qualquer das cidades referidas. Por outras palavras: em regra, a igreja ou o convento não possuem em si mesmo um valor excepcional como arquitectura; e as anexas habitações e lojas, com os seus espaços complementares, igualmente não se destacam de modo individualizado; o que ressalta como um elevado valor urbano e arquitectónico é, isso sim, o conjunto do sistema monumento-envolvente, no seu todo.



19



20



21

Sentido cívico-religioso, integrado, com plena funcionalidade e inserção urbana, na organização das funções assistenciais - com base nas "Santas Casas" da Misericórdia, organismos com plena autonomia em cada cidade ultramarina.

19 - Angra do Heroísmo/fachada da igreja da Misericórdia, 20 - Cruzeiro católico em Margão, Goa, 21 - fachada da Misericórdia em Macau. © Fotografias do autor

4. Angra, Cidade de Paisagem e/ou Cidade Regular?

Muito do que se tem valorizado em Angra do Heroísmo refere a sua famosa malha regular, a sua retícula urbana Quinhentista, que muitos consideram um valor sinalizador, de dimensão moderna, do Renascimento Europeu.

Mas o valor primacial de Angra não estará quanto a nós tanto na existência desse tecido notável, mais ou menos atestado por pergaminho erudito e pela suposta influência europeia como na capacidade, essa sim notável de bem articular a sua implantação no coração da cidade com os valores mais globais e envolventes do espantoso “urbanismo de paisagem” que Angra constitui desde o início.

Ou seja, o que há de mais assinalável em Angra do Heroísmo em termos histórico-urbanísticos, é a presença enquadrada e devidamente culturalizada de um tecido regular qualificado (quer se pretenda este inovador para a época, quer o entendamos resultante de uma tradição medievá actualizada), que se integra com dimensão estética nos outros valores da cidade, nomeadamente na sua forte vivência paisagística – patente na organicidade da imagem geral, no pitoresco e casticismo das silhuetas do edificado entre montes e vales, na reverberação luminosa da pequena escala dos delicados espaços públicos, vista do mar...

De resto, a cantada regularidade da malha urbana central de Angra tem muito que se lhe diga: sabendo-a de Quinhentos, não pode competir em rigor, amplitude e escala, em termos de geometria euclidiana, com qualquer contemporânea retícula ou “xadrez” hispano-americano, de Havana a México, de Caracas a Buenos Aires: essas sim, urbes que ensaiavam com elevada perfeição formal um sistema de desenho urbano idealizador, platónico, logo, totalitário na sua suposta capacidade de gerar e conformar toda a cidade... (de a tornar “mono-tona”, ou seja, de um único tom).

Ao contrário, a malha regular de Angra é análoga, no rigor relativo das suas ruas e quarteirões, à do Bairro Alto lisboeta – e bem menos exacta do que a das contemporâneas retículas de Damão (Índia) e de São Luís do Maranhão (Brasil).

Tudo isto nos leva a considerar como fundamental o fundo adaptativo, pragmático e sensorial da estrutura reticulada de Angra, servindo sobretudo as necessidades locais: as portuárias, as actividades urbanas centrais e representativas, as funções defensivas e de suporte de vida colectiva trans-oceânica: ela

serve a cidade, apenas naquela área central onde se insere, e articula-se à partida com os tecidos mais irregulares já existentes, prolongando-se de seguida por outros, de novo em desenho irregular, nas passagens ao *hinterland* rural.

Quero com isto sobrelevar o carácter anti-idealista, anti-platónico e anti-totalitário da retícula de Angra do Heroísmo – implantada com inteligência (fruto de uma sabedoria medieva, ainda imbuída do realismo aristotélico), e deixando assim viver a fundamental dimensão contemplativa, não dominadora (no sentido de anuladora) de um ambiente colectivo global, natural e urbano a um tempo.

Esse é aliás – visto agora, no dealbar do século XXI, depois de catástrofes recentes, e com a urbe mais ou menos bem refeita, recomposta e retocada – o grande interesse como património e como futuro, da malha urbana regular de Angra do Heroísmo. Esta malha representa afinal a expressão da sua real modernidade, a qual reside exactamente na sua capacidade de integração (com sentido “ecológico”) na paisagem simultaneamente natural e artificial da bela cidade atlântica, sem a destruir ou forçar, antes a embelezando e engrandecendo.

Bibliografia

- FERNANDES, José Manuel – *Património Construído e Cultura: Portugal no Mundo*, in JANUS 2006/Portugal no mundo/A nova diplomacia: Universidade Autónoma de Lisboa / Jornal Público, Lisboa, n.5, Janeiro-Dezembro de 2006, pp.122-123
- FERNANDES, José Manuel – *500 anos de Cidades Portuguesas*, in Expresso: Sojornal, Lisboa, 16/3/2006